

O EMPREGO DAS PLANTAS AROMÁTICAS DESDE AS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES ATÉ AO PRESENTE

Prof. A. Proença da Cunha email:-pdacunha@ci.uc.pt - site: <http://antoniopcunha.com.sapo.pt>

1 - POVOS PRIMITIVOS

Desde os primórdios da humanidade, que a maioria dos historiadores reportam ao Paleolítico, o primeiro dos três períodos em que se subdivide a idade da pedra lascada, o homem sempre dependeu das plantas para a sua existência, ao utilizá-las como alimento, medicamento, construção de abrigo, no aquecimento, etc.

Por comparação com outras sociedades sem escrita que existem na actualidade, pode-se inferir de como seriam esses povos primitivos onde crenças e ritos mágicos imperavam a par da utilização das plantas. As plantas aromáticas rapidamente foram associadas aos rituais sagrados essencialmente devido à intensificação do seu odor ao serem queimadas.

Com efeito, os primeiros habitantes do planeta queimavam plantas de odor agradável para pedir protecção aos bons Deuses, constituindo, as de perfume desagradável, um meio de afugentar os animais, os inimigos ou para afastar os Deuses maléficos. Aos aromas, sempre foi associada a ideia de purificação. As plantas aromáticas empregues como oferendas, sempre serviram para relacionar o homem com os Deuses, particularmente em momentos difíceis e perigosos, como o nascimento, uma viagem, uma guerra ou até mesmo na morte.

O registo mais antigo que se conhece sobre a sua utilização, foi encontrado num túmulo do Neolítico (entre 5000 e 2500 anos A.C.) no qual se encontraram vestígios de um homem envolvido em plantas aromáticas, identificadas por restos de grãos de pólen.

Estimado em cerca de 40000 anos a existência dos Aborígenes do continente Australiano, estes, cedo se aperceberam da utilidade das plantas aromáticas ricas em cineol, tais como os eucaliptos e as melaleucas, em particular a *Melaleuca alternifolia*, motivo por que sempre as usaram, vindo a terapêutica moderna a reconhecer o seu valor.

É interessante referir que, já 5000 anos antes da nossa época, possivelmente se destilavam plantas aromáticas, pois no Paquistão foi descoberto um alambique em terra cozida, que foi datado como sendo desse período.

O nome “Perfume”, que está associado às plantas aromáticas, deriva da palavra latina “per fumum” ou “pro fumum”, que significa “pelo fumo”, o que vem demonstrar o modo mais antigo de aplicação das plantas aromáticas, feito pela combustão desses materiais que assim criavam um ambiente apropriado para uma dada cerimónia.

Durante séculos, centenas de culturas desenvolveram actos simbólicos e religiosos, onde plantas aromáticas raras e resinas aromáticas, queimadas nos altares dos templos, eram oferecidas como sacrifícios, em busca de favores dos Deuses. Com este objectivo eram utilizadas, entre outras, o sândalo, a casca de canela, as raízes de cálamo, o cedro do Líbano, bem como substâncias resinosas como a mirra, o incenso e o benjoim.

Com o passar dos anos as plantas aromáticas passaram a fazer parte de técnicas de prevenção e de tratamento das doenças, principalmente de feridas e contusões, como mostram documentos chineses e indianos com mais de 5000 anos.

2 - CIVILIZAÇÕES DO ORIENTE

A China e a Índia foram duas civilizações onde as plantas aromáticas tiveram um grande emprego. Para além do seu uso na prevenção das doenças por intermédio de fumigações, elas eram utilizadas como medicamentos e, ainda hoje, a medicina chinesa as emprega com bons resultados.

Na China estabeleceu-se um sistema terapêutico baseado essencialmente em duas forças, o Yang e o Yng, inicialmente traduzindo o claro e o escuro, mas depois alargado a todas as situações em que haja sistemas que se opõem. No homem o equilíbrio entre essas duas forças significa saúde, havendo doença quando há predomínio de uma sobre a outra. Mais tarde, durante a dinastia Song (960-1279) foi aceite um outro sistema, a dos cinco elementos (água, metal, terra, fogo e madeira) no qual se enquadravam numerosos produtos vegetais (ópio, ruibarbo, canela, entre outros), cuja acção estava relacionada com um dos cinco elementos.

Na medicina chinesa, é célebre a obra denominada *Pent-Sao* constituída por vários livros onde existem referências a numerosas plantas, muitas delas aromáticas e que ainda hoje são usadas com bons resultados.

O continente indiano é uma das regiões mais ricas em plantas aromáticas. A Índia é o país onde o manjerico cresce espontâneo e onde é considerado como sagrado. Há cerca de 3000 anos Rig-Véda e Suçrutasmhitã indicaram numerosas fórmulas para banhos e massagens onde entravam a canela, o cardamomo, o coentro, o gengibre, a mirra, entre outras plantas aromáticas.

No mesmo período, a Índia tornou-se famosa pelo seu sândalo e por uma variedade de flores como a rosa e o jasmim. A madeira de sândalo era usada, normalmente, na entrada dos edifícios importantes, para que o vento pudesse espalhar o seu perfume pelas salas.

Desenvolvimento muito similar foi ocorrendo no Egípto.

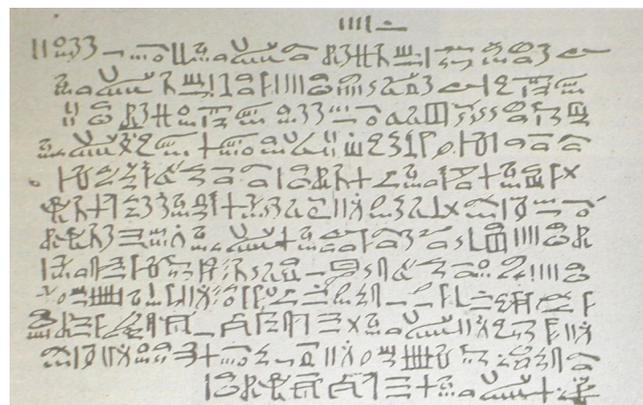
No antigo Egípto faraónico a Mitologia estava presente nas relações homem, doença e tratamentos. **Thot** era considerado como o deus fundador da Medicina, tendo-a ensinado aos sacerdotes. A deusa **Isis** seria, para além de protectora das mulheres e das crianças, também da cultura das plantas medicinais e aromáticas.

Acreditava-se que a origem das doenças resultavam de castigos enviados pelos deuses por faltas que o homem tinha cometido, pelo que inicialmente a Medicina era exercida só pelos sacerdotes que tentavam acalmar os deuses à custa de preces, sacrificios e fórmulas mágicas onde entrariam as plantas e outros produtos naturais. Posteriormente, dá-se uma especialização em três grupos: o dos sacerdotes (Profetas e Pastoforos) que estabeleciam a ligação entre os deuses e o doente, obtida com rituais religiosos e administração de medicamentos; os médicos, não religiosos que só administravam medicamentos; e os feiticeiros que utilizavam, essencialmente, práticas sobrenaturais.

Registos do antigo Egípto com mais de 4500 anos A.C. já referem o uso de substâncias balsâmicas, óleos perfumados, cascas e resinas aromáticas, especiarias, bem como vinagres, vinhos e cervejas aromáticas na medicina, liturgia, astrologia e embalsamamentos.

A tradução de hieróglifos inscritos em papiros e estelas no templo de Edfu mostram que muitos produtos aromáticos eram usados pelos sacerdotes e alquimistas para a preparação de perfumes, segundo fórmulas próprias.

Num documento escrito, o famoso papiro decifrado em 1873 pelo egiptólogo alemão Georg Ebers, existe a seguinte afirmação introdutória: “Aqui começa o livro relativo à preparação dos remédios para todas as partes do corpo humano”. Provou-se que o papiro de **Ebers** representa o primeiro tratado médico egípcio conhecido, da primeira metade do século XVI antes da era cristã, em que parte do seu texto, é destinado ao tratamento das doenças internas e, a restante, dá indicações sobre a constituição dos medicamentos a empregar, muitos dos quais são plantas aromáticas.



Fragmento do papiro de Ebers

Outros papiros foram descobertos e decifrados, tais como o de **Edwin Smith** de 1550 A.C., o de **Ramesseum** elaborado por volta de 1900 A.C., o de **Londres** composto por volta de 1350 A.C., e muitos outros, todos de um modo geral incluindo indicações sobre o uso de plantas medicinais e aromáticas em práticas médicas.

Embora a medicina egípcia se apoiasse, muito, em elementos mágicos e religiosos, sabe-se que já eram utilizadas muitas plantas aromáticas, tais como a angélica, a artemísia, o anis, a alcaravia, os cominhos, o funcho, a verbena o zimbro, o almíscar, este, empregue primeiramente na medicina e depois, em perfumes. A planta aromática camomila estava ligada ao deus Sol, sendo usada no caso de febre ou de queimaduras solares.

No Egito queimavam-se plantas aromáticas nos lares e cobria-se o soalho com as suas folhas com o fim de perfumar o ambiente, porém, possivelmente, o uso mais conhecido de perfumes e flores foi o sedutor tapete de pétalas de rosas de Cleópatra, que se diz que tinha 30 centímetros de grossura.

As plantas aromáticas eram também usadas a nível doméstico: as almofadas e os colchões eram cheios com pétalas de rosas, a que muitas vezes se juntava estróbilos de lúpulo, tanto pelo seu efeito relaxante como pela suavidade que criavam. O alecrim também era usado para tirar dores de cabeça, sendo empregues as sumidades floridas de plantas aromáticas debaixo das almofadas das crianças para terem sonos sossegados.

No Egito entre 3000 e 2000 anos A.C., já se obtinham os óleos essenciais de modo rudimentar. Os médicos dessa época já os utilizavam para tratar os doentes, mas principalmente em práticas mágicas.

Os vinhos aromáticos eram usados pelos efeitos anestésicos. As fumigações aromáticas já eram empregues para desinfectar e como remédio. Infusões de gomo-óleo-resinas em óleos faziam parte de unguentos usados com as mesmas finalidades.

Os gálbulos do zimbro e as cascas das caneleiras eram correntemente usados depois de maceradas em óleos vegetais, sob a forma de unguentos ou em vinho, após maceração neste.

Os sacerdotes egípcios já empregavam um método de extracção de compostos aromáticos, depois aperfeiçoado em França e denominado *enfleurage*, que consistia em saturar grãos de sementes de sésamo com o odor de pétalas e plantas aromáticas. De notar que esta técnica, ainda hoje, é usada em algumas regiões da Índia.

Os Egípcios deram uma atenção especial aos óleos essenciais, utilizando-os na sua vida diária com fins curativos, em cosméticos e também a par de outros produtos aromáticos.

Um dos perfumes, mais usado, era o *Kyphi*, uma mistura de dezasseis diferentes óleos essenciais, normalmente usado em cerimónias religiosas.

Plutarco (45-120 ?), filósofo e prosador grego do período greco-romano, escreveu que “O cheiro deste perfume penetra no corpo pelo nariz. Faz-nos sentir bem e relaxados, a mente divaga e sentimo-nos num estado sonhador de felicidade como estivéssemos a escutar uma música deliciosa”. O *Kyphi*, ao contrário das drogas depressoras, provoca no indivíduo uma acção estimulante e consciente. Por este motivo, os sacerdotes e os faraós inalavam-no, frequentemente, quando estavam em meditação, estando esta prática registada em muitas inscrições. Cada faraó e sua família tinham um número diferente de perfumes para serem usados consoante o momento do dia e para ocasiões especiais. Por exemplo havia um perfume para a guerra que estimulava sentimentos agressivos, enquanto outro era para a meditação ao provocar tranquilidade e introspecção.

O lótus, com uma flor de odor agradável, crescendo em abundância nas margens do Nilo, tornou-se a flor sagrada do Egipto. Outras flores, como a orquídea azul, eram importadas de diversos países, alguns bem distantes como a Índia e China. Isto deu origem a um importante comércio que se intensificou no reinado da rainha Hatshepsut (provavelmente no período entre 1490 e 1468 A.C), a única mulher faraó. Com efeito, ela adorava os perfumes e incentivou o uso dos cosméticos e a intensa maquilhagem dos olhos.

Normalmente centenas de toneladas de plantas aromáticas eram transformadas em perfumes, principalmente óleos perfumados que eram queimados nos templos. Cada deus e cada deusa tinha o seu próprio perfume; a artemísia para Ísis, marroio para Horus, manjerona para Osíris e quando os faraós queriam alcançar algum favor ou agradecer-lhes pelos bons resultados de uma guerra, queimavam esses óleos em seu louvor.

Também é de assinalar o uso que faziam das plantas aromáticas na cozinha. Adicionavam alcaravia, coentros e anis ao pão de painço e cevada para o tornar mais agradável e de melhor digestão. A hortelã, a manjerona e a salsa eram largamente usadas. A cebola entrava em grande quantidade na alimentação. O alho era muito usado para evitar as doenças e afastar as epidemias. A tradução de uma inscrição na pirâmide de Queóps, construída cerca de 4500 anos A.C., refere que todas as manhãs cada escravo trabalhando na construção civil recebia do seu senhor uma cabeça de alho para lhe dar força e boa saúde.

Foram exímios na arte do embalsamamento no qual usavam especiarias como o cravinho, a canela e a noz-moscada, também a mirra, o incenso, o gálbano e outras resinas aromáticas na mumificação dos mortos, com vista à sua preservação para a eternidade. Vestígios desses produtos aromáticos já foram identificados nas ligaduras das múmias.

Na Mesopotâmia, região compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio, desde o Neolítico se desenvolveram várias civilizações (suméria, assíria e babilônica) que assentavam ser o homem criado pelo deus Marduk, que seria, com outros deuses, responsável pelo bem-estar do homem e, por tanto, pela sua saúde ou doença. Os deuses estavam acompanhados de gênios do bem ou do mal que directamente intervinham conforme a sua influência na saúde ou na doença. Uma desobediência a uma regra instituída podia atrair os gênios do mal, mas também os feiticeiros com determinados ritos e exorcismos teriam capacidade de originar, para uma pessoa saudável, a doença.

Nestas civilizações, embora já a cirurgia fosse praticada, o curandeiro-feiticeiro, já com características sacerdotais nítidas, usa numerosos produtos naturais onde predominam as plantas, mas sempre com ritos mágicos, pois sem estes, elas não actuariam.

Consideram-se como primeiros documentos escritos, por ordem do rei assírio Ashurbanipal, dados das civilizações suméricas e babilônicas, que nos dão a conhecer o modo como era a terapêutica desse tempo. As inscrições em caracteres cuneiformes gravadas em várias placas de barro, datando algumas mais de 3000 anos antes da era cristã, encontram-se conservadas, actualmente, no “British Museum” de Londres. Nessas placas existem grande número de informações, muitas delas escritas por ordem do referido rei assírio, sobre as plantas medicinais e aromáticas usadas (açafraão, heléboro, ópio, rícino, linho, mandrágora, etc.) e também sobre a sua cultura e transformação em medicamentos à custa de certas operações farmacêuticas ainda hoje empregues (expressão, filtração, maceração, digestão) conducentes a formas farmacêuticas tais como pomadas, unguentos, emplastos e pílulas.

De referir que no conhecido Código de Hamurabi, do rei babilónico que reinou de 1728 A.C. até à sua morte em 1.686 A.C., contendo essencialmente legislação, há referências a muitos fármacos vegetais como o ópio, o meimendo, o gálbano, a assafétida, e outras plantas aromáticas. Esse Código está inscrito num monólito, em três alfabetos distintos, hoje exposto no Museu do Louvre, em Paris.

Entre 1974 e 1975 foi descoberta a biblioteca do palácio real de Ebla (Síria) com cerca de 20.000 placas de argila, muitas das quais com informação sobre o emprego de plantas em tratamentos usados nessa época.

São os Persas considerados como os inventores de um aparelho de destilação, que segundo Avicena, Ibn Sina seria o primeiro a obter um óleo essencial puro a partir da *Rosa centifolia*. Sendo este investigador denominado, mais tarde, como o “Príncipe dos médicos”, pois escreveu mais de cem obras médicas onde são feitas referências a numerosas plantas aromáticas.

Os Hebreus empregavam as plantas aromáticas principalmente nas cerimónias religiosas. Na Bíblia encontram-se inúmeras referências de plantas usadas como medicamento, de entre as quais se destacava o hissopo, que devido à pinocanfona teria uma acção mucolítica. Este, era considerado como uma planta aromática miraculosa e purificadora, a par do ouregão sírio (*Origanum syriacum carvacroliferum*).

3 - CIVILIZAÇÕES GREGA E ROMANA

Em relação a civilizações mais recentes, um contributo importante é dado pelos povos helénicos, que não só receberam dos persas muitos produtos aromáticos, como tiveram grandes médicos como Hipócrates (460-370 A.C.), considerado o "Pai da Medicina". Este, nos livros "Aforismos" que lhe são atribuídos, indica o interesse dos banhos aromáticos com anis, cominhos, incenso, mirra, tomilho, etc, no tratamento de doenças da mulher.

Os Gregos foram os maiores consumidores de produtos odoríferos naturais, tendo sido escritas inúmeras obras, onde não só eram descritas as propriedades, como havia indicações sobre os melhores locais onde se podiam obter essas plantas.

Galeno, a quem se ficou devendo algumas das formas farmacêuticas precursoras das que ainda hoje são usadas, e Teofrasto, que com a sua obra "História das plantas", deixa descrições botânicas muito precisas, acompanhadas de indicações sobre efeitos tóxicos e propriedades curativas foram importantes para a terapêutica. Teofrasto no livro "*Tratado dos odores*" desenvolve o valor terapêutico dos perfumes, fazendo considerações sobre o tipo de perfume que melhor se coadunava para embelezar uma dada parte do corpo da mulher. Contudo, quem posteriormente se destaca no campo das plantas medicinais e aromáticas é Pedanius Dioscórides (40-90 da era cristã), que, ao acompanhar os exércitos romanos na Península Ibérica, no Norte de África e na Síria, recolhe abundante informação sobre plantas dessas regiões. Escreve o tratado "*De Materia Medica*" que representa um marco histórico no conhecimento de numerosos fármacos, muitos dos quais ainda hoje são usados. Nele, se descrevem cerca de 600 produtos de origem vegetal, animal e mineral, com indicações sobre o seu uso médico. Foi tal a projecção da obra de Dioscórides que, tendo sido escrita no ano 78 da nossa era, passa a ser usada, como guia de ensino, no mundo romano e no árabe, continuando em vigor até finais da Idade Média, pois ainda no século XV, são feitas cópias em latim dessa obra.

Plínio, no livro XIII da sua "*História natural*" descreve, essencialmente, vegetais produtores de óleos essenciais.

Em Atenas, na luta contra as epidemias, queimavam-se várias plantas aromáticas, tais como a alfazema, o alecrim, o hissopo e certamente muitas outras.

Uma outra característica dos gregos foi o uso de óleos aromatizados que eram aplicados em massagens conforme o fim em vista (acção estimulante, sedativa, etc.).

Os Romanos beneficiaram muito dos conhecimentos gregos quanto à aplicação dos perfumes e dos óleos aromatizados que normalmente eram aplicados após o banho.

Acreditavam nas virtudes dos banhos aromatizados com plantas, que usavam para restaurar o vigor sexual e diminuir os efeitos do vinho tomado em excesso.

Três séculos após Hipócrates, Asclépiade, amigo íntimo de Cícero, estava usando um novo método de tratamento, associando à massagem aromática a música como adjuvante dessa terapêutica.

4 - CIVILIZAÇÃO ÁRABE

Os Árabes interessaram-se muito pela química, tendo desenvolvido, muito especialmente, a destilação das plantas aromáticas. Ainda há poucos anos em Portugal se usava o alambique em cobre, de origem árabe, na destilação dos mostos vinícolas.

Os Árabes ao dominarem, a partir do século VIII, o comércio do oceano Índico e os caminhos das caravanas provenientes da Índia e da África, tiveram acesso a muitas das plantas dessas regiões, tais como o ruibarbo, a canforeira, o sândalo, a noz moscada, o tamarindo e o cravinho.



Ilustração árabe sobre a preparação de medicamentos

Um dos escritores árabes que veio a ter maior influência na sua época foi Avicena (980-1037) ao escrever o “*Cânon*”, uma compilação anotada dos livros de Galeno. A sua obra é metódica e clara, vindo a ser seguida pela medicina bizantina, árabe, judia e latina mediaval.

De destacar, no século XIII, o célebre médico árabe Ibn Al Baitar, de Granada, que na sua enciclopédia médico-botânica “*Corpus simplicium medicamentarium*” incorpora os conhecimentos clássicos e a experiência árabe, caracterizando mais de 2000 produtos, dos quais cerca de 1700 são de origem vegetal.

5 – IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

A Idade Média é uma época caracterizada pela preparação de modo misterioso de *unguentos maravilhosos* por meio de fórmulas mágicas. Eram considerados como produtos vegetais mágicos, de entre outros, as plantas aromáticas a arruda e até o alho. É de salientar o esforço exercido, em prol da saúde, pelas Ordens Religiosas, pois muitos dos seus membros utilizavam, criteriosamente, os conhecimentos greco-latinos sobre o emprego das plantas medicinais, que cultivavam junto aos mosteiros. Efectivamente houve, por parte das Ordens Religiosas, um esforço enorme na tradução para o latim de muitíssimas obras árabes de medicina até ao século XIII. Igual interesse foi posto na tradução das obras de Hipócrates e de Galeno para o latim.



Oficina de Farmácia na Idade Média

De destacar o ensino de medicina feito no Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra. Nele se forma S Frei Gil de Santarém (1115 ou 1187-1265) a quem se atribui um receituário que incluía muitas plantas aromáticas (arruda, funcho, losna etc.). Pelo Mosteiro passa Pedro Julião (1205-1277) que depois estuda em Paris onde é conhecido por Pedro Hispano, médico notável que ascendeu ao papado com o nome de João XXI e a quem se atribui a obra “*Thesaurus Pauperum*” onde são referidas muitas plantas

aromáticas orientais tais como o cálamo-aromático, o cravinho, o gengibre, a canela, a noz-moscada, o sândalo, a zedoária, entre outras.

Com o Renascimento, o charlatanismo e o empirismo da medicina e da farmácia da Idade Média, cedem lugar, pouco a pouco, à experimentação, ao mesmo tempo que vão sendo introduzidos na terapêutica novos fármacos, com a chegada dos nossos antepassados à África, à Índia e ao Brasil e, dos espanhóis, aos outros países da América do Sul.

É certo que a divulgação desses fármacos foi lenta, embora toda a Europa estivesse ansiosa de os conhecer melhor. Nesse sentido, o contributo dos portugueses foi notável, pela variedade e abundância de informação que divulgaram.

Nas naus seguiam muitas vezes *físicos* (médicos) e boticários a quem se ficou devendo muita dessa informação. Infelizmente, esta, ao ser considerada segredo de Estado, não era divulgada. Isto aconteceu com o boticário Tomé Pires, que tendo sido enviado à Índia em 1511, como “feitor e veador das drogarias”, remete uma carta, em 27 de Janeiro de 1516, ao rei D. Manuel I, onde relata a origem geográfica e as aplicações de muitas drogas usadas nessas paragens, mas que só trezentos anos depois foi conhecida.

Nesta época, quem, destacadamente, se notabilizou foi Garcia de Orta, que depois de ter permanecido na Índia mais de trinta anos, imprime em Goa, em 1563, os “*Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da Índia, e assi dalguas frutas achadas nella onde se tratam algumas cousas tocantes amedicina, pratica, e outras cousas boas, pêra saber*”. Livro escrito em forma de diálogo entre o Doutor Ruano, que simboliza o médico da época e o Doutor Orta, no qual Garcia de Orta põe a sua própria opinião apoiada na observação e na sua experiência pessoal, esclarecendo certos pontos polémicos de obras anteriormente publicadas, corrigindo e dando mesmo indicações, com invulgar exactidão, sobre certos fármacos até aí nunca descritos.

A divulgação dos “Colóquios” de Garcia de Orta acaba por ser feita pelo notável botânico francês Charles de l’Écluse, também conhecido por Clúsio, que numa versão mais resumida, em latim, torna aquela obra acessível a toda a Europa culta dessa época. Posteriormente, em 1581, quando se encontrava em Inglaterra, Clúsio conhece o “*Tractado de las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales*”, publicado pelo português Cristóvão da Costa e que ele, igualmente, acaba por traduzir para latim e publicar, pela primeira vez, em 1582.

Não se limitaram, evidentemente, à flora da África e da Índia, as contribuições numerosas que os portugueses trouxeram para o conhecimento dos fármacos. De destacar, também, a que foi dada ainda no

século XVI pelos Jesuítas, na divulgação dos medicamentos usados pelas populações indígenas do Brasil. Por exemplo, o padre José de Anchieta refere as propriedades anti-sépticas e cicatrizantes do bálsamo copaíba.

A partir da publicação, em 1673, da “*Histoire générale des Drogues*” pelo farmacêutico Pierre Pomet, as Universidades encorajam o estudo das plantas medicinais e das aromáticas, através da criação de jardins botânicos, alguns dos quais destinados, exclusivamente, à cultura de plantas para aplicação no tratamento de doenças.

Depois deste período, outras plantas e produtos medicinais exóticos aparecem na Europa. Por exemplo, dentro das aromáticas, a baunilha, descoberta pelos espanhóis no México, só apenas em 1721 é incluída na “London Farmacopeia”.

No entanto, nos finais do século XVIII, entra-se num novo período do conhecimento com o isolamento dos constituintes das plantas. Foram os trabalhos do sueco Scheele (1742-1786) que deram início a esta nova etapa, ao isolar, de plantas aromáticas, a cânfora e o timol, na sua farmácia de Koping.

6 - EVOLUÇÃO NOS TEMPOS MODERNOS

A caracterização botânica das espécies vegetais com actividade farmacológica e o estudo da sua composição química com isolamento, identificação e dosagem dos seus constituintes é uma das características da fitoquímica moderna.

A correcta caracterização botânica de uma planta continua a ser fundamental, pois sem esta não há estudos químicos e fisiológicos válidos para a espécie vegetal em estudo. As plantas aromáticas nas últimas décadas têm sido submetidas a intensos estudos químicos e farmacológicos, que deram a conhecer ou a confirmar a sua actividade, ou a de alguns dos seus constituintes.

O desenvolvimento da química analítica, designadamente, através dos modernos métodos cromatográficos, espectrométricos, e radioimunológicos, apoiados em aparelhos cada vez mais sofisticados, tem permitido um melhor conhecimento da composição química das plantas aromáticas e da estrutura dos seus componentes activos. Consequentemente, hoje há um maior controlo na qualidade, com uma intervenção mais precisa nos aspectos relacionados com a sua obtenção, cultura, colheita, preparação e armazenagem e também, sobre os processos industriais que envolvem o isolamento dos seus compostos activos.

Nos últimos quarenta anos, graças aos progressos alcançados nos métodos analíticos, os conhecimentos sobre as plantas aromáticas foram consideravelmente aumentados. Bastará consultar as revistas da especialidade, para nos apercebermos do elevado número de novos

constituintes isolados, dos estudos farmacológicos e das referências aos mecanismos que envolvem a bioformação desses constituintes no vegetal.

Mesmo tendo em conta toda a investigação até agora realizada, esta acaba por ser uma pequena parte do que, até ao momento, ainda está por fazer, já que é grande o número de plantas aromáticas ainda não estudadas, tanto no sentido de uma utilização directa, como da obtenção de novos constituintes activos, ou, muito simplesmente, de novas moléculas que possam servir para preparar por semi-síntese compostos farmacologicamente activos.

É certo que, a nível mundial, algumas das espécies ainda não investigadas, química e farmacologicamente, pertencem ao arsenal fitoterapêutico, que o homem utilizou, muitas vezes, com bons resultados. Tais medicamentos de uso popular variam, como é lógico, de acordo com a flora existente numa determinada região climática, e cujo estudo é possível fazer-se, ainda hoje, nas sociedades contemporâneas mais ou menos primitivas. Tem de se pensar, que essas colecções de plantas aromáticas tradicionalmente experimentadas no homem, hão-de conter seguramente, algum aspecto digno de posterior investigação, não devendo, por isso, serem postas de lado como inúteis.

A ocidentalização de muitas destas populações e o risco eminente da perda total de tais conhecimentos empíricos, conferem ao seu registo o estatuto de necessidade urgente. Veja-se o que se está a passar em diversas regiões do globo, onde a rápida mudança do modo de vida de sociedades rurais está a fazer desaparecer a sua medicina popular, que se apoia, quase sempre, em floras muito importantes.

Países como a China, a Coreia do Norte, o Japão e países africanos, têm feito um esforço significativo, na investigação de plantas de uso tradicional, o que tem conduzido a resultados de alto interesse sob o ponto de vista terapêutico e evitado a perda dessa informação.

Por outro lado, a forma alarmante como se processa, em certas regiões, o extermínio de espécies vegetais, mesmo antes de serem investigadas química e farmacologicamente, justifica que se conceda prioridade a tais estudos. Vários investigadores têm feito importantes revisões sobre o uso medicinal e efeitos tóxicos de plantas, por populações não ocidentalizadas.

Ainda que a medicina ocidental esteja, essencialmente, orientada para o sistema alopático, há outros métodos terapêuticos, de importância mundial, que empregam também plantas aromáticas no tratamento das doenças. Na maior parte dos casos, a filosofia geral em que os ditos sistemas se baseiam, difere, significativamente, do alopático, ao fazerem apêlo a outros efeitos não considerados na medicina clássica. É um facto indiscutível o interesse que o mundo ocidental, principalmente nas últimas décadas, tem vindo a mostrar pelo uso das plantas aromáticas, dos

respectivos extractos na terapêutica e dos óleos essenciais, constituindo, em certas circunstâncias, uma ajuda nos cuidados primários de saúde e um excelente complemento terapêutico, compatível com a medicina clássica. No caso dos óleos essenciais a sua utilização tanto por via externa como interna tem vindo a aumentar, constituindo hoje a aromaterapia um ramo da terapêutica em desenvolvimento.

O incremento que nas últimas décadas os medicamentos com plantas aromáticas ou com os seus óleos essenciais tiveram, foi fruto de uma investigação cada vez maior. Esta garante, para além da **qualidade** dos produtos usados e do modo de preparação do medicamento, a **segurança** em relação a efeitos tóxicos, o conhecimentos de efeitos secundários, de interacções, de contra-indicações, da mutagenidade, etc. e, também, a existência de ensaios farmacológicos e experimentação clínica que demonstrem **eficácia** para este tipo de medicamentos.

Capítulo do livro “**Plantas Aromáticas em Portugal – Caracterização e Utilizações**”

A. Proença da Cunha, José Alves Ribeiro e Odete Rodrigues Roque

Ed. Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa (2007).

<http://antoniopcunha.com.sapo.pt>